

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 25 — VOL. III.

Sabbado 11 de Junho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Pinheiros mansos — A villa de Ferreira — Milton, conclusão — A cidade de Faro — Lendas nacionaes, continuação — O lago e cidade de Como — Memorias do coração, continuação — Alva Estrella, continuação — A cidade de Leorne — Pinheiros mansos — Brasões d'armas da cidade de Faro, e villa de Ferreira — A cidade de Leorne — O lago e cidade de Como.

## Historia da actualidade.

Os francezes e hespanhoes que actualmente estão fazendo guerra na Cochinchina, tomaram a cidade de Saigon, que os annamitas julgavam invencivel. Achava-se ella poderosamente fortificada, e ainda em Janeiro passado o seu vice-rei havia dito n'um relatorio ao imperador, que os seus meios de defesa eram innumeraveis, e que se os barbaros (os europeus) tivessem a audacia de se apresentarem diante dos seus muros seriam reduzidos a pó!

Encontraram-se na cidadella muitas munições, e grande quantidade de armas. Depois de os allia dos recolherem quanto lhes fazia conta, abriram minas e fizeram voar a cidade e suas fortificações, do que resultou grande prejuizo para aquelle imperio.

Já demos precedentemente a noticia de que na India ingleza fóra aprisionado o chefe Tantia Topee. As ultimas gazetas dizem que foi justicado.

Recordados estarão nossos leitores do ex-vice-rei de Cantão, Jeh, que tamanho papel representou na ultima guerra da China. Noticia o *Bombay Times* que elle fallecera em Calcutta.

Na Russia acaba-se de expedir ordens de mobilisação a todos os corpos do exercito que ainda não estavam. Uma correspon-

dencia accrescenta que os corpos que se estão mobilizando comprehendem uma força de mais de duzentos mil homens.

No Caucaso continuavam os povos da grande Tchethnia a submeterem-se aos russos; e esperase que não tarde muito a subjeição completa d'aquelle paiz. Schamyl não tem agora levado a melhor na guerra d'este anno.

Diversos officiaes de engenharia andaram reconhecendo o terreno da costa de Ramsgate (Inglaterra) e levantando as correspondentes plantas dos rochedos escarpados, afim de escolherem sitios apropriados á construcção de novas baterias.

Publicaram-se em Londres instrucções aos logares-tenentes da rainha nos condados, para se formarem corpos de voluntarios de caçadores, e de artilharia, armados, equipados e fardados á propria custa, ficando isemptos assim do recrutamento do exercito e da milicia.

Na famosa praça de Gibraltar continuam a fazer-se fortificações para o lado accessivel pela Hespanha. Ultimamente construiu-se ali uma ba-

teria, a que se poz o nome de *bateria da rainha Victoria*.

O governo hespanhol nomeou uma commissão de officiaes para estudar as operações da guerra no campo alliado em Italia.

O nosso governo nomeou uma commissão, da qual é presidente o senhor duque de Saldanha, para apresentar um plano de defesa do paiz, recommendando-lhe a maior brevidade na apresentação dos trabalhos a respeito da defesa da capital.

Na cidade de Saigon, de que acima fallámos, tomaram os hespanhoes e francezes duzentas bocas de fogo, uma corveta, sete juncos de guerra, mais de vinte mil armas, e oitenta e cinco mil kilogramas de polvora.

Dizem os jornaes estrangeiros, que o rei de Sardenha se levanta ordinariamente ás tres horas da manhã, janta á uma da tarde, e está quasi todo o dia a cavallo.

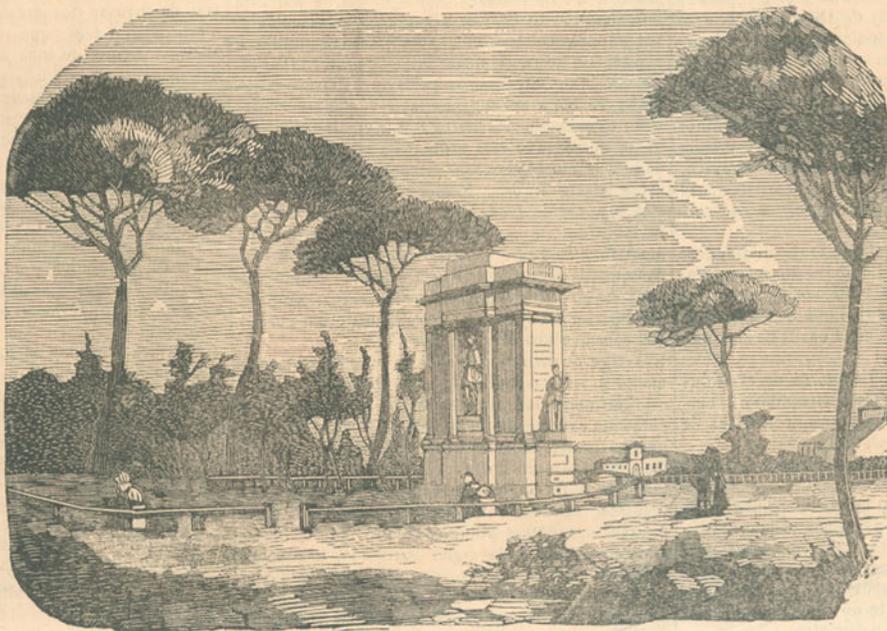
Não lhe fica atraz o seu ministro em Turim. Ha muito, dizem tambem as gazetas, que o conde de Cavour não dorme em casa, mas na secretaria, deitando-se á meia noite para se levantar ás quatro horas, havendo algumas em que não deixa de trabalhar até pela manhã.

Houve um terrivel incendio nos Estados Unidos. O fogo devorou em Oshkord, na provincia de Wisconsin, setenta e cinco casas em menos de uma hora. A rua principal converteu-se n'um montão de ruinas, e a perda total sobe quasi a meio milhão de dollars.

Está quasi estabelecida a telegraphia electrica no mar Roxo.

Em Pittsburgo, tambem nos Estados Unidos, dez barcos a vapor foram devorados pelas chammas.

Investigações conscienciosas dizem que a bayoneta foi inventada no anno de 1641, n'uma aldeia dos



Pinheiros mansos.

arredores de Bayona. Combatiam-se então aldeões vasconços com contrabandistas hespanhoes. Tendo os primeiros esgotado as suas munições, e não podendo responder ao fogo dos inimigos, lembraram-se de amarrar as facas aos canos dos mosquetes; e assim destroçaram os adversarios. Aperfeiçoou-se depois com o tempo esta arma, mas só na batalha de Spira, em 1707, foi que se deu a primeira carga de bayoneta.

Ha pendentes negociações entre França e Roma para a canonisação de Joanna d'Arc.

O governo inglez para, no caso de uma guerra continental, ter communicações seguras e independentes dos outros paizes intermedios, tenta a immersão de um cabo electrico submarino de Malta a Gibraltar, e d'ahi a Plymouth, costeando a bahia de Biscaia.

No Egypto houve uma tentativa de assassino contra o pachá.

Já no seculo xiv empregaram os paduanos e venezianos foguetes de Congrève no ataque das praças; porém o invento tomou o nome porque é conhecido, do general William Congrève, que o introduziu nos exercitos britannicos no anno de 1805.

Em Modena avista-se agora um cometa para o lado do poente.

O exercito austriaco, segundo as ultimas noticias, está na força effectiva de seiscentos noventa e tres mil homens.

O rei Francisco II, que acaba de subir ao throno de Naples e das Duas Sicilias, nasceu a 16 de Janeiro de 1836, e é casado com Maria Sophia Amelia, que nasceu em 4 de Outubro de 1844, sendo filha do duque de Baviera, José Maximiliano.

A cidadella de Alexandria, que necessariamente tem de figurar agora na guerra de Italia, foi construída em 1728 por Victor Amadeo II, e em consequencia dos trabalhos que ultimamente lhe fizeram os engenheiros piemontezes, reputa-se hoje uma das principaes praças da Europa. A praça forma um hexagono de forma elliptica, defendida por diversas fortificações, destacadas na frente, e separada da cidade por uma ponte de duzentos metros.

Calcula-se em quatrocentos e cincoenta contos de reis a despeza, que a Austria está fazendo agora diariamente com o seu exercito.

A corça de ferro da Lombardia, que serviu pela primeira vez ao imperador Carlos Magno, no anno de 774, e por fim em 1803 a Napoleão I, devia achar-se na fortaleza de Milão, praça que acaba de sublevar-se contra os austriacos, retirando-se estas da cidade e cidadella, abandonando ahi doze mil armas, e a caixa militar.

Montebello, onde o exercito franco-sardo ganhou ha poucos dias uma victoria contra os austriacos, foi um campo de batalha glorioso para as armas da França nos annos de 1800 e 1801, e foi erigido em dudado por Napoleão I em favor do general Lannes, tendo já servido no tempo dos Filippes de titulo de marquez ao fidalgo portuguez Felix Machado, senhor de Entre Homem e Cavado, e da Torre de Vasconcellos, na provincia do Minho.

Os jornaes mais acreditados da Europa tem enviado correspondentes para o theatro da guerra, e Napoleão III levou consigo tres jornalistas para redigirem os artigos dos periodicos officiaes e semi-officiaes.

José Garibaldi, que tanto se vae distinguindo tambem na guerra da Lombardia, nasceu em Niza no dia 4 de Julho de 1807, de parentes que na Sardenha gosaram sempre fama de bons maritimos. Assentou praça em curta idade na marinha sarda.

Dois regimentos austriacos, os do archiduque Carlos, e Coloz, saíram tão destroçados do combate de Montebello, que foi preciso retirá-los da linha de batalha para os reformar.

Garibaldi atacou e tomou a praça de Lavana, situada no Lago Maior.

Tambem em Palestro houve um combate victorioso das tropas alliadas. Victor Manuel portou-se n'esta acção com extraordinario denodo, chegando mesmo a arriscar a vida.

Dez embarcações turcas, commandadas por Mehemet-pachá, presidente do conselho do almirantado, dirigem-se para o Adriatico.

A Turquia vae pôr o seu exercito em pé de guerra.

A esquadra ingleza do canal compõe-se de quinze naus com mil quatrocentas vinte e seis peças, e oito grandes fragatas com trezentas trinta e tres peças. Não se diz ainda qual o numero de corvetas que completará a sua força naval.

Espera-se sublevação na Hungria, e até se afirma que Kossuth já saiu de Londres com destino ao dito reino.

O gabinete britannico soffreu na camara uma derrota, na discussão á resposta do discurso da corça; e por esse motivo deu a sua demissão.

O senhor Nunes d'Aguiar, que era director das obras publicas nos districtos do norte, foi nomeado director interino do caminho de ferro de leste.

Trata-se na cidade do Porto de construir uma nova cadeia pelo systema celular, e por este fim foi em commissão aquella cidade o conselheiro Ferrão.

A alfândega do Porto rendeu, no decurso do mez de Maio, 164,735,096 réis.

No mesmo periodo se extrahiram do porto e foz do Douro, um milhão vinte tres mil e quinhentas toneladas de pedra.

As ventanias do mez passado derrubaram nos pinhaes de Leiria para cima de mil e seiscentos pinheiros.

A telegraphia electrica, em Vieira, rendeu no mez passado, 98,970 réis.

Durante o mesmo periodo, rendeu na cidade do Porto, 835,594 réis.

E na segunda quinzena de Maio, produziu em Gaminha, 72,520 réis.

As estatisticas ultimamente publicadas dão a Portugal um milhão dezoito mil setenta e oito fogos, com tres milhões noventa e oito mil oitocentos sessenta e um habitantes.

Chegou a Lisboa o principe de Galles, herdeiro da corça de Inglaterra.

Do theatro da guerra a noticia de maior vulto recebida esta semana, foi a victoria que os aliados alcançaram sobre os austriacos na ponte de Magenta, na qual ficaram quinze mil inimigos mortos ou feridos, e sete mil prisioneiros, duas bandeiras, e tres peças d'artilharia.

#### Pinheiros mansos.

Desde a mais remota antiguidade são conhecidas estas arvores, pois que necessariamente havia o seu porte, todo especial, attrahir a attenção do homem, distinguindo-as das outras especies do mesmo genero. A forma elegante do seu copado cume ha feito dar-lhe modernamente n'alguns paizes o nome de *pinheiro chapeo de sol*, e por este nome mesmo se explica a razão porque taes arvores se encontram abundantemente nas quintas e plantações de recreio nos paizes quentes. Dão ellas um cunho especial ás paizagens italianas, como se vê em a nossa estampa, e são por isso o mais bello ornamento das villas romanas. Os antigos tinham consagrado este pinheiro a Silvano, divindade que era representada segurando na mão um ramo d'esta arvore. Empregavam-na em fachos, com o nome de *toeda*, para se allumiarem nas festas publicas, e especialmente na celebração dos mysterios de Isis e Ceres, em commemoração do uso que de taes ramos fizera a deusa quando andava em procura de sua filha Proserpina, roubada por Plutão. Os tyrsos das bacchantes eram coroados com a pinha d'esta arvore.

A tige ou tronco do pinheiro excede ordinariamente a vinte metros, algumas vezes é retorcido, especialmente nas arvores velhas, que apresentam então na casca espiraes striadas. É mui direita, e nua na maior parte do seu comprimento. Os ramos, que são muito desinvolvidos na parte superior, tem folhas do comprimento de doze a quinze centimetros, redondas, mui espessas, e menos finas do que nos outros pinheiros; e o todo da côma apresenta uma vasta copa. As flores, ficando as machas na parte superior das ramificações da tige, estão reunidas n'uma especie de cacho, e são de côr de enxofre. O pollen e ás vezes tão abundante, que forma uma camada ao redor da arvo-

re, e se é sacudido pelas aguas pluvias, tem parecerença com uma chuva de enxofre. As flores femeas, collocadas abaixo das precedentes, estão reunidas ordinariamente a duas, e a tres. Os fructos, a que se dá o nome de pinhas, constituem, na epoca da maturidade, que só tem logar no fim de dois ou tres annos, cones obtusos, cujas cascas mui espessas, e aproximadas umas das outras, e regularmente imbricadas, e angulosas, apresentam a feição do faceado do diamante. Dentro de cada uma d'estas cascas, se encontram dois grãos ovoides, cobertos com uma tunica membranosa que facilmente se solta. Cada um d'estes cones contém uma centena de grãos, cujo involucro, negro exteriormente, duro e espesso, ou fragil e molle, conforme a qualidade, encerra uma amendoasinha comprida e estreita, branca e carnuda.

Este pinheiro é usual na hacin do Mediterraneo; e nas costas da Asia Menor fazem-se grandes plantações d'elle para sustar as areias. Tambem se encontra abundantemente na Italia, Hespanha, Portugal, Argel, e meio dia da França, etc.

Esta arvore floresce em Maio e Junho, e prefere a exposição do oeste, medrando muito nos planos e valles, e á beira dos rios e mares. Vegeta mal no solo calcareo, e de greda, e por isso se preferem os terrenos ligeiros, frescos, profundos, arenitos ou de quartz. Os individuos novos são muito sensiveis ao frio. Reproduz-se facilmente por sementeira, ou por enxertia nas especies rusticas. Por este ultimo methodo supporta melhor as geadas. A sua longevidade não parece ser grande.

A madeira é mui leve, branca, e cheia de veios; menos rica em resina, e menos odorifera do que as outras especies. Faz-se uso d'ella em construcções civis e navaes, assim como em marenaria. De todas as resinosas é a que serve melhor para aquecer fornos etc. O seu fructo é nutritivo, e emprega-se não só em confeitaria, como tambem na medicina, que o preconizou para as phisicas pulmonares, tosses rebeldes, e varias outras doenças. Extrah-se-lhe do succo um oleo, de sabor analogo ao das nozes.

#### A villa de Ferreira.

Na provincia do Alemtejo, tres leguas ao occidente da cidade de Beja, tem seu assento a villa de Ferreira em logar um pouco mais elevado, que os terrenos circumvisinhos, que são inteiramente planos.

Segundo a tradição foi no tempo dos romanos uma cidade com o nome de *Singa*, na qual se fez celebre uma matrona, defendendo valorosamente a porta do castello da mesma cidade por occasião da invasão dos godos e suevos. Em memoria d'este feito dizem, que tomara esta povoação por armas a figura de uma mulher com dois malhos nas mãos; brasão que a villa actual adoptou como prova da sua antiguidade. No principio do seculo passado ainda se viam junto á villa, para o lado do nascente, restos de edificios em uma extensão de meia legua.

A cidade de Singa, com seu effeito ali existiu, perdeu-se como muitas outras na entrada dos arabes. Do começo da villa de Ferreira não encontramos noticias. O seu foral de villa foi-lhe dado por el-rei D. Manuel em 3 de Março de 1517.

Sobre um monte ao nascente da villa vê-se o seu antigo castello, cercado de muros com barbacã, e nove torres.

Ferreira tem uma só parochia dedicada a Nossa Senhora d'Assumpção, e conta perto de dois mil habitantes.

Cortam e regam os seus suburbios as ribeiras de Valdouro e de Safrins, a primeira distante da villa um quarto de legua, e a segunda meia legua. Trazem algum peixe, principalmente pardelhas e bordalos, que são muito estimados n'aquelles sitios. O terno produz bastante azeite, algum vinho e fructas, porém a sua maior produção consiste em trigo. Abunda tambem em caça miuda.

A 16 de Setembro faz-se n'esta villa uma feira bastante concorrida.

Milton.

ESTUDO CRITICO POR MACAULAY.

II

Conclusão.

D'estas considerações concluímos que nenhum poeta que tentasse conservar essa exactidão metaphysica de cuja ausencia Milton tem sido accusado deixaria de escapar a uma vergonhosa catastrophe. Havia todavia outro extremo que ainda que menos perigoso, devia tambem ser evitado. As imaginações dos homens estão em grande parte sujeitas ao imperio das suas opiniões. A mais exímia arte de colorido poetico não pode produzir illusão, quando applicada a representar aquillo que nós supponhamos absurdo e incongruente. Milton escrevia n'uma epoca de philosophos e theologos. Era pois necessario não produzir nada que podesse repugnar a sua intelligencia. E' esta a verdadeira explicação da inconsistencia e pouca clareza que se estranha no eminente poeta. O doutor Johnson reconhece que era absolutamente necessario revestir os espiritos de uma forma material. «Mas acrescenta elle, o poeta deveria para ser consequente com o seu systema pôr de parte a immaterialidade, e levar os leitores a esquecerem-na tambem.» Isto é facil de dizer; mas se Milton não podesse afastar os leitores totalmente d'esta idéa? Se a opinião contraria tivesse tal força sobre as suas imaginações a ponto de não dar lugar áquella meia crença que requer a poesia? Suspeitamos que era assim. Seria impossivel ao poeta adoptar de todo, ou o systema material, ou o systema immaterial; collocou-se portanto em terreno duvidoso, deixou tudo n'um estado vago e ambiguo.

Deu com isto, não ha duvida, lugar a accusarem-no de pouco consistente. Mas ainda que philosophicamente errou, cremos que poeticamente andou bem. A tarefa que para qualquer outro escriptor seria impraticavel, tornara-se facil para elle. A arte especial que elle possuia de revelar o seu pensamento por uma longa serie de idéas associadas e de fazer antever mais do que expressava o habilitou a dissimular as inconsequencias que lhe era impossivel evitar.

A poesia que adeja n'um mundo superior deve ser ao mesmo tempo pittoresca e mysteriosa. E' assim a de Milton. A do Dante é pittoresca em excessivo grau, e o effeito que nos produz é como se fosse esculpida com o buril, ou desenhada com o lapis. Mas é tão pittoresca que repelle todo o mysterio. Este defeito bem avaliado é um defeito essencial ao plano do poema do Dante, que como já dissemos carecia ser por extremo exacto nas descrições. Mas não deixa de ser contudo um defeito. Os entes excitam bastante interesse mas não é o interesse proprio dos entes que habitam n'outra esphera. Chegamos a suppôr que poderíamos conversar com as almas, e os demônios, sem nenhuma impressão do terror, tão natural a tal extraordinaria comunicação. Podíamos como fez D. João convidar-os a cear conosco, e havíamos de comer com bom appetite na sua companhia. Os anjos do Dante são homens bons como muitos cá da terra e só as azas os differenciam: os seus demônios são atrozes carascos. Os seus finados são homens em extraordinarias circumstancias. E' justamente celebrada a scena que se passa entre o poeta e Farinata. Mas Farinata no sepulchro ardente, é exactamente o que podia ser o mesmo Farinata n'um *auto de fé*. Nada existe de mais pathetico do que a entrevista de Dante e de Beatriz. Mas o que é ella senão uma formosa mulher, censurando com meiga mas austera serenidade o amante, a cujo affecto é grata, mas cujos vicios reprova? E os sentimentos que dão tanto encanto a esta scena, seriam tão verosímiles nas ruas de Florença como na montanha do Purgatorio.

Os espiritos de Milton não se assimilham aos dos outros escriptores. Os seus demônios sobretudo são creações sublimes. Não são abstracções metaphysicas. Não são homens perversos. Não são monstros hediondos. Não apparecem armados de cornos e de rabo, não ha ali nada do ouropel de Tasso e Klopstock. Tem de humano quanto é bastante para se-

rem comprehendidos pelos homens. Os seus caracteres assim como as suas formas tem uma vaga similhaça com as dos homens, mas levadas a gigantescas dimensões e involtas n'uma mysteriosa e vaga incerteza.

Talvez os deuses e os demônios de Eschylo sejam os que melhor possam servir de termo de comparação com os de Milton. O estylo do atheniense tinha como já dissemos alguma coisa de oriental, e acontece o mesmo na sua mythologia. Não tem nada da elegancia e amenidade, que se encontra geralmente nas superstições da Grecia. Tudo é rude barbaro e colossal. As legendas de Eschylo estão menos em harmonia com os bosques fragrantes, e os graciosos porticos aonde os seus compatriotas faziam votos ao deus da luz e á deusa do amor, que com os monstruosos e grotescos labyrinthos de secular granito em que o Egypto encerra as suas mysticas Osiris, ou aonde o Indostão ainda se curva aos seus idolos de sete cabeças. Os seus deuses favoritos são os da primeira geração, os filhos do ceo e da terra comparados com os quaes Jupiter é um Deus frivolo e de recente data os gigantes titanes, e as inexoraveis furias. O primeiro logar entre as suas criações d'este genero pertence a Prometheu, meio demônio, meio redemptor, amigo dos homens, e inimigo implacavel do ceo. Prometheu tem não ha duvida uma grande similhaça com o Satanaz de Milton. Em ambos se encontra a mesma repugnancia contra o dominio, a mesma ferocidade, o mesmo indomavel orgulho. E tambem em ambos os caracteres se acha misturado, mas em diferentes proporções, alguns bons e generosos sentimentos. Prometheu contudo não tem bastante de sobrehumano. Falla de mais nas suas correntes, e na sua incommoda posição, agita-se muito, e tem accessos de desespero. A sua resolução depende da certeza que elle tem de que a sorte do seu verdugo está nas suas mãos, e que a hora em que hade acabar o seu martyrio não pode tardar. Satanaz é perfeitamente um ente de uma outra esphera. O poder da sua mente vence até o pungir da dor. No meio de agonias terribes cuja lembrança nos causa horror elle delibera, e se extasia. Contra a espada do archanjo S. Miguel, contra os raios de Jehovah, no lago de fogo, perante a certeza de uma eternidade de miseria sem interrupção, o seu espirito reage, depende só da sua propria energia, prescindindo de todo o apoio exterior, até mesmo da esperança.

Mas para voltarmos ao paralelo que tentamos estabelecer entre Milton e o Dante, acrescentaremos que as qualidades moraes d'estes grandes homens influíram em alto grau sobre a sua propria poesia. Não eram amigos de fallar desi. Raras vezes impõem as suas theorias favoritas aos leitores. Em nada se assimilham a esses mendigos da fama que aleçam uma esmola da compaixão dos inexperientes, expondo a nudez e a miseria do seu espirito. Mas seria difficil nomear dois autores, cujas obras tenham sido, ainda que involuntariamente, tão dominadas pelos seus sentimentos pessoaes.

O caracter de Milton distinguia-se sobretudo pela elevação do espirito, o do Dante pela intensidade das suas paixões. Em todas as linhas da Divina Comedia se percebe aquella rude aspereza que produz o orgulho luctando com a miseria. Não ha talvez nenhuma obra no mundo tão profunda e uniformemente triste. A melancolia do Dante não era nenhum capricho phantastico. Não era causada, tanto quanto a esta distancia de tempo se pode ajuizar, por circumstancias exteriores. Era do fundo d'alma; nem o amor, nem a gloria, nem as luctas na terra, nem a esperança do ceo a poderam por um momento distrahir. Assimilhava a sua propria indole moral todas as consolações, todos os prazeres. Era como aquelle pestilento solo sardiniano, cuja amargura intensa se percebe até no mel que produz. A sua intelligencia era, para nos servirmos das palavras do poeta hebreu «Uma terra de trevas, como a propria escuridão, aonde a luz é como as trevas.» A tristeza do seu caracter desbota todas as paixões dos homens, e toda a face da natureza, e communica a sua pallida cor ás flores do Paraizo, e ás glorias do throno do Eterno. Os retratos d'elle que nos restam são por extremo caracteristicos. Ninguém pode ver aquellas feições nobres até á rudeza, as profundas rugas d'aquellas

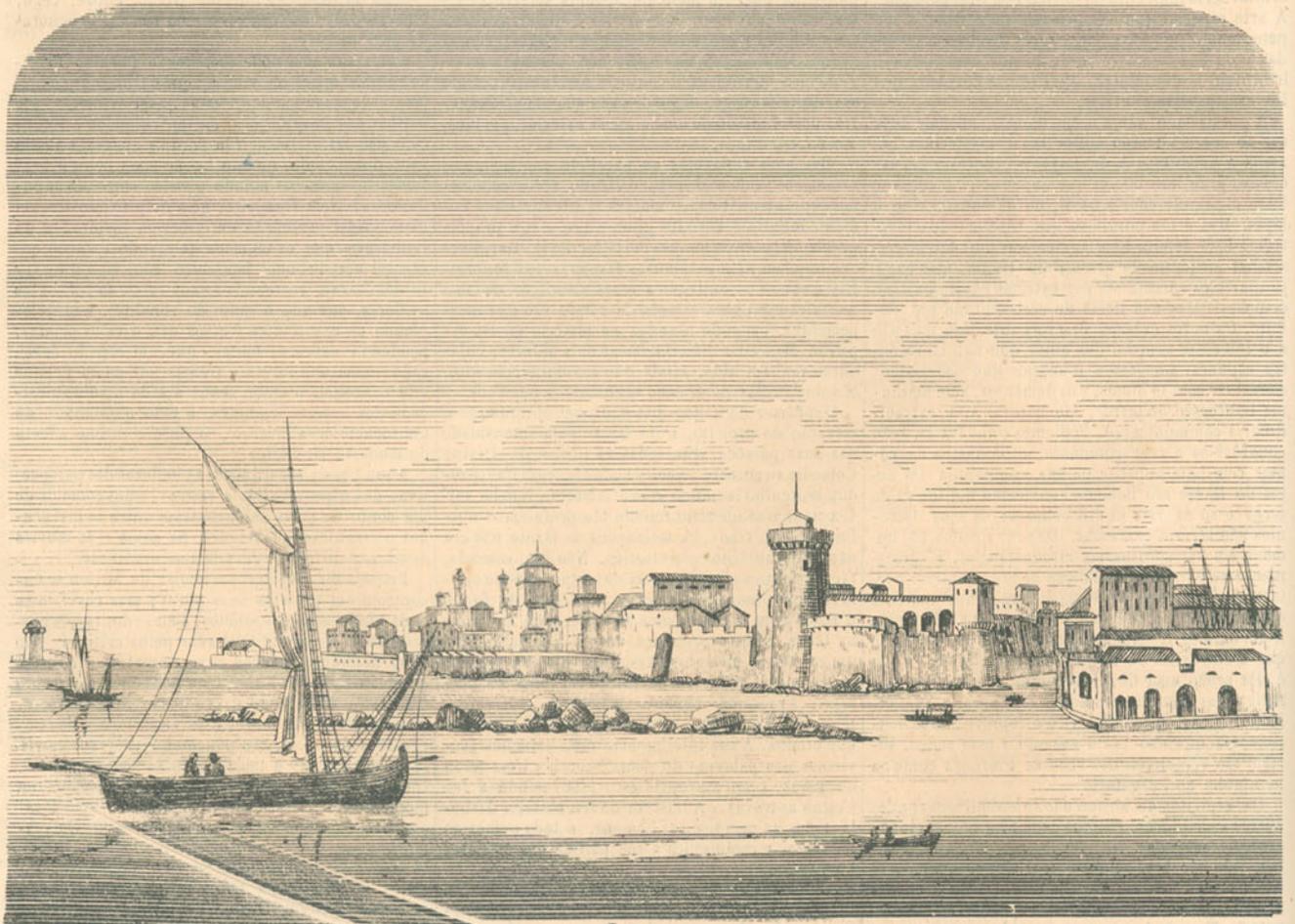
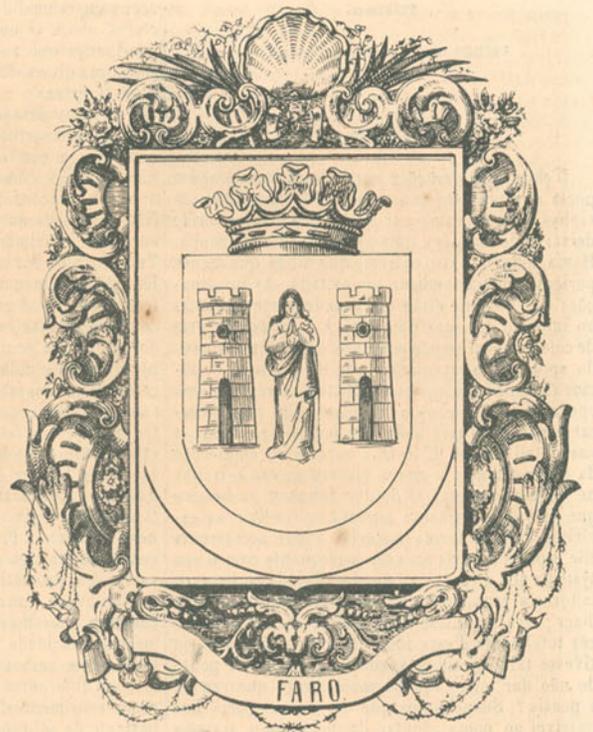
faces, o fitar assombrado e melancolico dos olhos, a desdenhosa curva do labio, e duvidar de que contempla um homem demasiadamente orgulhoso e cheio de melindre para ser feliz.

Milton como Dante era um homem politico, e um namorado; e como Dante fóra infeliz na sua ambição, e no seu amor. Tinha sobrevivido á sua saude, á sua vista, aos confortos do seu lar domestico, e á prosperidade do seu partido. Os grandes homens que o tinham distinguido ao entrar no mundo, alguns já não existiam; outros levaram para o exilio o seu indomavel odio á oppressão; alguns gemiam nos carceres, e muitos tinham deramado o seu sangue no cadafalso. Escriptores venaes e libertinos, com bastante talento para reduzir a estylo pomposo as obscenidades mais repugnantes, tornaram-se os favoritos do soberano e do publico. Era um corrilho hediondo que podia ser bem comparado á multidão tumultuosa de Comus, monstros grotescos, meios homens, meios animaes, repletos pela gula, cambaleando em danças obscenas. Entre elles estava aquella bella musa, como a casta dama do Masque, (poema de Milton) altiva, immaculada e serena, para ser apontada ao dedo e escarnecida por toda aquella turba de satyros e phantasmas. Se o desespero e a violencia podem ser desculpados em qualquer homem, esse homem devia ser Milton. Mas a energia da sua mente era superior a todas as calamidades. Nem a cegueira, nem a gota, nem a velhice, nem a penuria, nem desgostos domesticos, e desgostos politicos, nem o ultraje, nem a perseguição, nem o abandono, poderam perturbar a sua serena e magestosa paciencia. As suas tendencias não eram para a alegria; mas era de uma grande egualdade de character. A sua indole era serena e mesmo grave, mas nem todos os seus padecimentos conseguiram torná-lo, nem rabujento nem misanthropo. Tal elle era no vigor da saude, e da formosura viril, coroadado de triumphos litterarios, e cheio de esperanças patrioticas, tal era ainda quando, depois de soffrer todas as calamidades que são o infallivel condão da natureza humana, velho, pobre, cego, e perseguido, se retirou para o seu canto ignorado para morrer.

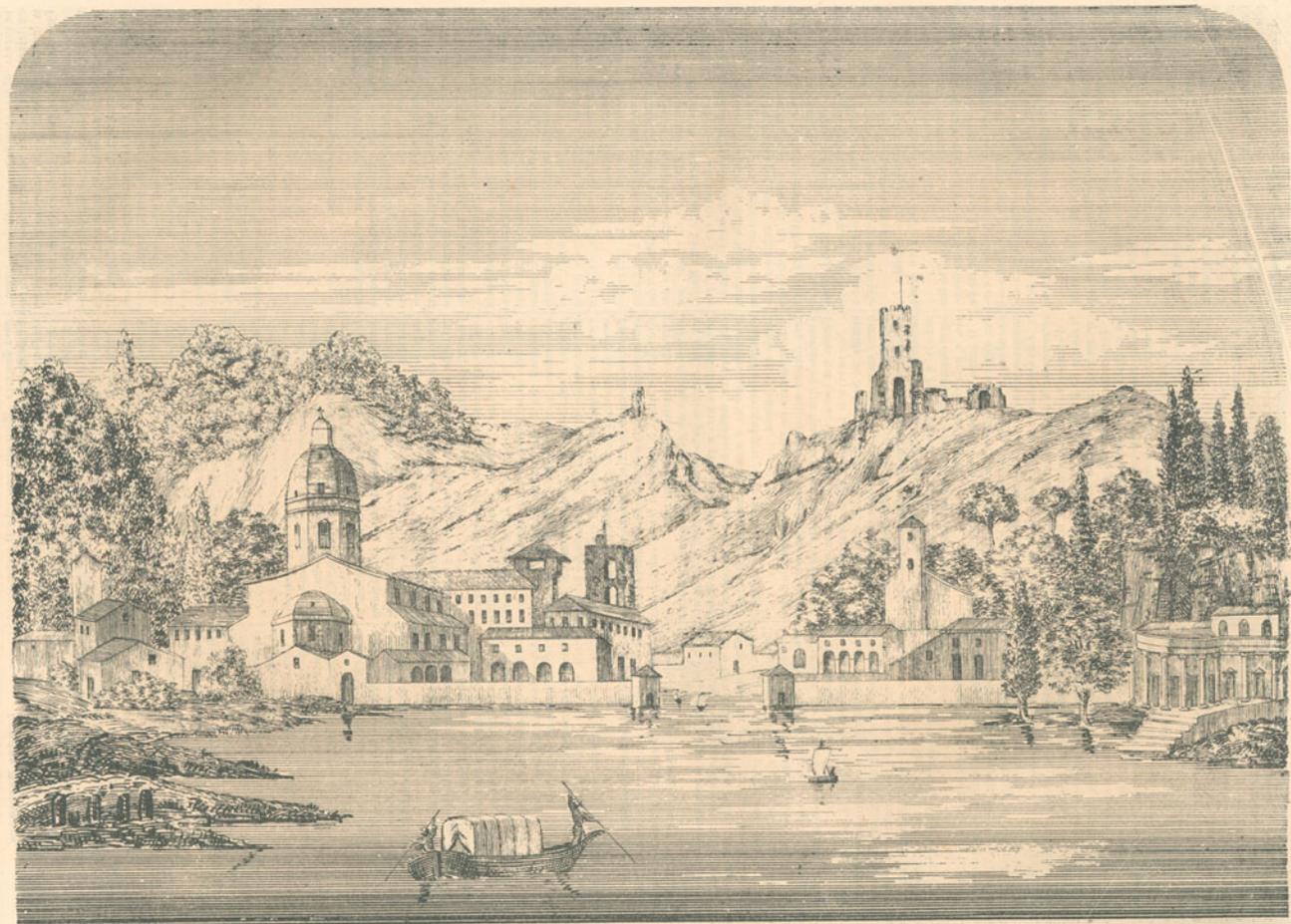
Foi assim que pôde escrever o *Paraizo Perdido*, n'uma epoca da vida em que as imagens da belleza e do amor em geral estão quasi extinctas, até mesmo nas imaginações, em que cuidados e decepções não tem concorrido para as apagar, e aonde reproduziu tudo quanto ha de mais bello e presenteiro, tanto no mundo physico como no mundo moral. Nem Theocrito, nem Ariosto mostraram mais subtil percepção em saberem inspirar-se da formosura que os objectos do mundo externo encerram em si: nem tampouco com maior fervor se deleitaram recreando-se aos raios do sol, entre as flores, ouvindo o canto do rouxinol, e contemplando os excellentes fructos que o estio produz, pendendo sobre as fontes, que um copado arvoredo torna apraziveis e frescas. O modo porque elle concebeu o amor reune a toda a voluptuosidade dos haens orientaes, a todo o galanteio de um torneio cavalheiroso, o puro e intimo affecto do modesto lar inglez.

A sua poesia recorda-nos as bellezas das perspectivas dos Alpes. Valles e retiros lindos como os de um conto de fadas se encontram entre as mais rudes e gigantescas elevações. As rosas e as murtas desabrocham nas bordas de uma *avalanche*.

Feições do caracter particular de Milton se encontram em todas as suas obras; mas revelam-se mais ainda nos seus sonetos. Estas admiraveis poesias tem sido mal avaliadas pelos criticos. Não tem nenhuma intenção epygrammatica. Não tem a ingenuidade de Filicaja no pensamento, nem o rigoroso e brilhante esmero do estylo de Petrarca. São simples, mas magestosas recordações das impressões do poeta, tão pouco enfeitadas para a vista publica, como o teriam sido as suas memorias. Uma victoria, um ataque inesperado na cidade, um momento de tristeza ou de exaltação, uma facecia contra os seus livros, ou um sonho que lhe restaurara por um breve espaço aquelle formoso rosto que o sepulchro para sempre roubara ao seu amor — he suscitar reflexões, que sem esforço se convertiam em versos. A unidade de sentimento, a severidade do estylo que caracterisam estas



Liorne



Cidade de Como.

pequenas obras recordam a anathologia grega, ou talvez ainda melhor as curtas orações da igreja ingleza. A bella poesia sobre os massacres no Piemonte é exactamente uma oração em verso.

Os sonetos são mais ou menos notaveis conforme a intensidade da causa que os produziu, e o motivo que os inspirou. Mas são todos sem excepção realçados por uma dignidade e grandeza d'alma, tal que não sabemos aonde lhe possamos encontrar um paralelo. Seria na verdade pouco seguro tirar illações do caracter de um escriptor, cujos versos se referem á sua propria pessoa. Porém as qualidades que attribuímos a Milton ainda que mais assignaladas n'estas obras que tem directa relação com os seus sentimentos pessoas, predominam em todas as paginas, e dão aos seus escriptos quer em prosa ou verso, na lingua ingleza, latina ou italiana, um ar de familia que os não confunde com os de nenhum outro autor.

LOPES DE MENDONÇA.

#### A cidade de Faro.

No tempo da dominação romana existia na parte meridional da Lusitania, então chamada Celtica, e hoje Algarve, a cidade de Ossonoba, de origem antiquissima, e que floreceu por muitos seculos, logrando nas primeiras eras do christianismo a prerogativa de sede episcopal. Na invasão dos moiros foi inteiramente arruinada, e os seus moradores ou foram captivos para terras d'Africa, ou buscaram refugio nas serras de Monchique e Caldeirão.

Passados annos, sujeita quasi toda a península hespanica ao jugo sarraceno, começaram alguns pobres pescadores a edificar varias casas em um sitio a legua e meia para o occidente da destruida cidade de Ossonoba, de cujas ruínas tiravam os materiaes precisos. As edificações foram augmentando, e os foragidos habitantes d'aquella cidade vieram pouco a pouco estabelecer-se na nova povoação. Tal foi o principio da cidade de Faro.

Quanto á etymologia do seu nome ha diferentes opiniões. A que parece mais provavel é a que a faz derivar de um pharol, que ahi se erigiu para guia dos nautas, que frequentavam aquelle porto, o que deveria ser muito posterior á fundação da cidade, por que esta se chamou no seu principio de Santa Maria.

Em 1249 veio el-rei D. Affonso III em pessoa pôr cerco a Faro. A cidade achava-se então bem fortificada, e abastecida de tudo o necessario pela facilidade com que recebia soccorros d'Africa. Accommetida porém ao mesmo tempo por terra e por mar, rendeu-se em fim aos portuguezes; mas ficou em tal estado de ruina, que a maior parte dos seus habitantes viu-se obrigada a abandonal-a.

Passados quasi dezeseite annos, no de 1266, achando-se já o reino inteiramente desaffrontado de moiros, cuidou D. Affonso III em reedifical-a e povoal-a de novo, para o que lhe deu foral com muitos privilegios, que lhe attrahissem moradores.

El-rei D. João II fez doação de Faro á rainha D. Leonor, sua mulher, e d'ahi em diante ficou sendo apanagio das rainhas de Portugal.

As vantagens commerciaes, que o seu porto lhe proporcionava, fizeram engrandecer tanto a povoação, que el-rei D. João III elevou-a á cathedra de cidade, e no anno de 1580, reinando ainda o cardeal rei D. Henrique, foi trasladada para Faro a cadeira episcopal de Silves, então occupada pelo sabio e virtuoso bispo, D. Jeronymo Osorio, não menos celebre pelo seu patriotismo e elevação de caracter.

Achando-se Portugal subjugado por Philippe II de Castella, surgiu na costa do Algarve em Julho de 1596 uma esquadra ingleza. Em seguida as tropas, que trazia a seu bordo, fizeram um desembarque, e entraram á força d'armas na cidade de Faro no dia 25 do dito mez, tornando a embarcar depois de terem saqueado e incendiado a povoação.

Esta catastrophe deixou a cidade no mais triste estado de ruina e miseria. O fogo devorou a maior parte dos seus edificios. Dos templos só escaparam ao incendio a parochia de S. Pedro, e a igreja da misericordia. A rica livraria do bispo D. Jeronymo Osorio foi levada pelos inglezes para a sua universidade de Oxford.

Passado pouco mais de seculo e meio veio uma

nova desgraça affligr esta povoação. O terremoto do 1.º de Novembro de 1755, que abysmou Lisboa, estendeu a todo o Algarve a sua terrivel influencia, causando graves estragos á cidade de Faro, que já no anno de 1722 havia padecido bastante nos edificios e nas vidas dos seus moradores pelos deploraveis effeitos de outro grande tremor.

Acha-se situada a cidade de Faro em uma planicie arenosa na margem esquerda de um pequeno rio ou esteiro, que, communicando com o oceano a distancia de legua e meia, forma-lhe um porto accessivel a barcos de navegação costeira, e a navios de duzentas toneladas. Distta doze leguas da cidade de Lagos, oito de Silves, e cinco de Tavira.

Divide-se Faro em duas parochias: a sê, e S. Pedro. É a primeira um templo muito antigo de tres naves quadradas, sustentadas por columnas de ordem jonica. Ha na cidade casa e hospital da misericordia, fundada aquella pelos annos de 1583, e este no seculo passado; e igreja de S. Luiz, e varias ermidas. Teve tres conventos de frades, que eram—o de S. Francisco, de religiosos franciscanos, construido em 1529; o de Santo Antonio dos Capuchos, de piedosos, erigido em 1620; e o collegio da companhia de Jesus, edificado em 1602. De freiras teve um só convento, intitulado de Santa Clara, de religiosas capuchas, fundação da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, em 1527; hoje extinto. Os principaes edificios da cidade, além d'estes, são: o paço do bispo, contiguo á sê; o seminario episcopal, que se comunica com o paço; e a casa da camara, proxima de ambos.

Faro apresenta um aspecto agradável pela alvura e acio das casas. Tem ruas espaçosas e em geral limpas, e uma grande praça de forma rectangular, cujo lado do sul deita para o rio, onde tem um caes e barbacã. No lado de leste d'esta praça eleva-se um formoso arco de cantaria, ornado de columnas jonicas, e coroado por uma bella estatua de S. Thomaz de Aquino, feita em Italia, de marmore branco, e com oito palmos de altura. Este elegante monumento foi mandado fazer pelo bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avelar, na segunda metade do seculo passado, sendo o desenho do architecto Francisco Xavier Fabri. N'esta praça faz-se todos os dias mercado de hortaliças, fructas, etc.

Faro é praça de guerra. Foi começada a fortificar com redentes para o lado do mar, e com alguns baluartes para a parte de terra, nos fins do seculo XVII. Da fortificação antiga ainda conserva o seu velho castello, e muralhas torreadas. Dentro do castello ha bons quartéis, onde permanece um regimento de infantaria.

É residencia de um general, commandante da oitava divisão militar, de um governador civil, e mais autoridades que competem á capital de um districto. Possui um lyceu, alfandega, e um theatro.

Nos suburbios ha alguns sitios apraziveis. O da ermida de Santo Antonio do Alto, que é uma pequena elevação proxima da cidade, offerece lindas e variadas perspectivas. O grande banco d'arcia, a que chamam a *Ilha*, que, juntamente com outros menores, divide a barra em dois canaes, um denominado a *barra grande*, e outro a *barreta*, é um logar de agradável passeio pela sua pittoresca situação, e pela vista da cidade.

O termo de Faro é fértil, e bem cultivado. Produz alguns cereaes, azeite, vinho, e muitos figos, amendoas, e alfarroba, constituindo estes tres ultimos generos o ramo mais importante da sua agricultura, e do seu commercio de exportação, a que se deve acrescentar o das pescarias.

Fazem-se na cidade as seguintes feiras: a 16 de Julho; a 20 de Outubro; e a 10 de Julho em Estoy, no logar onde existiu a antiga Ossonoba.

Faro conta uns sete mil e oitocentos habitantes. No antigo regimen gosava de voto em côrtes, tendo os seus procuradores assento no banco terceiro. Tem por brasão d'armas um escudo coroado, e n'elle a imagem de Nossa Senhora da Conceição entre duas torres.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A natureza comprehende muita coisa semelhante, mas nenhuma inteiramente igual: basta essa maravilha para mostrar o poder, e a omnicincia do seu creador.

#### Lendas Nacionais.

IV

PEDRO JULIÃO.

Na primeira metade do seculo XIII vivia em Lisboa, na freguezia de S. Julião, uma familia pouco favorecida dos bens da fortuna, mas tão sobria no seu viver, e tão exemplar no amor do trabalho, que os seus pequenos rendimentos chegavam-lhe folgadoamente para uma subsistencia commoda e decente.

O chefe respeitavel d'esta familia chamava-se Julião Rebello. As suas virtudes, e sobretudo a modestia com que procurava encobrir os actos de caridade, e outras boas acções, que praticava, tinham-lhe grangeado em toda a freguezia a estima e consideração geral.

Com taes habitos e inclinações, e com a doce companhia de uma esposa, igualmente boa e virtuosa, e que o amava com extremo, Julião Rebello julgara-se o mais feliz dos mortaes, se Deus lhe concedera um filho. Era este o sonho de todos os seus desejos e ambições. Mas como é coisa difficil de alcançar, senão impossivel, uma felicidade completa, negava-lhe o ceo, depois de bastantes annos de casado, essa condição que faltava para a sua ventura.

As preces porém do justo tantas vezes se elevaram até ao throno do Altíssimo, que Deus se dignou alfim acolhel-as, e deferir-lh'as. Julião viu-se finalmente pae de um formoso e robusto filho. Apenas ouvio os primeiros vagidos do recém-nascido, correu immediatamente á igreja a prostrar-se ante os altares em testemunho do seu reconhecimento.

Chegado o dia do baptismo, foi a creança conduzida á freguezia com muito luzimento; e celebrou-se a cerimonia com bastante pompa, pois que Julião, no auge do seu jubilo, dispendera largamente por essa occasião do fructo de suas economias.

Quando o celebrante perguntou o nome, que se havia de pôr á creança, respondeu promptamente o padrinho, que fosse Julião Julianes em honra do santo, orago da freguezia, e em lembrança do nome do pae.

—Não, acudiu logo o pae, tenho muita veneração pelo santo patrono d'este templo, mas quero que o meu filho se chame Pedro. Pois que o considero como um dom, que me ha feito a divina misericordia, tenho prometido dedicar este filho ao serviço da igreja, se assim approuver ao Creador, e então n'este proposito o principio dos apóstolos é o seu patrono natural. Porém pode pôr-se-lhe em segundo logar o nome, que o padrinho destinava para primeiro.

Esta resolução foi approvada e louvada por todos os circunstantes, e o menino foi baptisado a aprazimento geral com os nomes de Pedro Julião.

Do carinho com que foi creado este menino, e do esmero e cuidados com que foi dirigida a sua educação, bem se pode julgar pelo amor de semelhante pae, e pelo genero de vida a que era destinado.

Julião Rebello, fazendo um esforço sobre si, augmentou ainda as já crescidas horas do seu trabalho, afim de que o augmento de meios, que d'ahi lhe proviesse, o habilitasse para dar a este filho querido e tão desejado a instrução, que requeria o estudo ecclesiastico, que viria a professar.

O joven Pedro Julião cresceu embalado nas mais ternas afeições de familia, e nos mais santos principios de moral. Sob a benéfica influencia das virtudes christãs, de que seus paes lhe davam continuos exemplos, desenvolveu-se e fortaleceu-se o seu espirito de uma maneira não vulgar.

N'esta epoca, que é o reinado de D. Affonso III, achava-se a instrução publica em Portugal no maior atraso possivel. As guerras com os moiros absorviam todas as attenções dos nossos soberanos, e todos os recursos da nação. Em quanto que em França, na Italia, e n'outros paizes, já havia universidades e collegios, n'este nosso apenas nas sês, e alguns parochos nas suas igrejas ensinavam a ler e escrever, doutrina, grammatica latina, e pouco mais. Só no seguinte reinado é que se fundou em Lisboa a primeira universidade portugueza.

Pedro Julião ia pois á sé receber as lições de um conego, que havia cursado uma das universidades estrangeiras. O bom comportamento do mancebo, o talento de que era dotado, e a singular applicação, que prestava ao estudo, captivaram por tal arte as sympathias do mestre, que este, depois de lhe ensinar o latim, começou a dar-lhe algumas luzes de diversos ramos da sciencia.

Em pouco tempo exauriu o bom do conego todo o seu peculio scientifico. O mestre já não tinha mais que ensinar, e o discípulo sabia tanto como o mestre. Então, ou por conselho e instancia d'este, que estava maravilhado da subida intelligencia e rapidos progressos do mancebo; ou por impulso proprio do pae, que de dia para dia via augmentarem-se as suas esperanças sobre a sorte futura de seu filho, decidiu-se a partida de Pedro Julião para França, afim de se formar em theologia na universidade de Paris.

Munido pois de um bom farnel, com excellentes cartas de recommendação, e levando a bolsa bem recheada, e por que fez seu pae todo o genero de sacrificios, poz-se Pedro a caminho.

Passados bastantes mezes, que todos foram de cuidados e cruel ansiedade para o coração dos saudosos paes, recebeu Julião Rebello com inexplicavel alvoroço a primeira carta de seu filho. Quanto a expressões de affecto, e a phrases de gratidão e respeito filial vinha bem provida; porém relativamente a noticias da sua entrada na universidade, e de como seguia nos seus estudos era tão laconica, que parecia dictada por um espartano. Sobre este assumpto não foram mais noticiosas as que ao diante se lhe seguiram.

Apezar do muito que Julião confiava no juizo e applicação de seu filho, dava-lhe cuidados, e muito que scismar, este silencio, que elle guardava acerca do que mais a ambos interessava depois da vida e da saúde.

O pobre pae, não achando melhor explicação para similhante procedimento, convenceu-se de que o joven estudante, mau grado seu, era infeliz nos seus estudos.

Esta idéa, depois de tantos sacrificios feitos para enviar e sustentar seu filho em Paris, e, mais ainda, depois de tantas esperanças, que fundara nos talentos, e no character elevado do estudioso moço, aquella idéa era como um punhal, que incessantemente o feria no mais fundo do coração.

As difficuldades, que n'essa epoca havia de todo o genero de communicações, tornaram por muito tempo infructuosas as diligencias de Julião para obter de Paris as informações, que tanto precisava para seu socego. Mas emfim sempre chegaram, e se não foram tão circumstanciadas, quanto as exigiam as suas apprehensões, foram todavia de natureza a tranquillisar e lisonjear o coração de um pae. O joven Pedro Julião passava na universidade de Paris por um dos melhores estudantes, que a frequentavam.

Completo Pedro os seus estudos, fez um brilhante exame, e munido das cartas, que lhe conferiam o grau de doutor, regressou a Lisboa.

E' facil de julgar das scenas affectuosas, que se passariam, assim que Pedro transpoz o limiar da casa paterna. Julião Rebello e sua mulher não cahiam em si de contentes; nem se fartavam de ver e abraçar o querido filho, alvo de todos os seus cuidados, e esperança da sua velhice.

Ao cabo de meia hora gasta em perguntas, que não esperavam pela resposta, porque sempre vinham cortal-a novas effusões de amor, o ditoso pae quiz recrear os olhos, e dar pasto ao seu orgulho, vendo as cartas, que declaravam seu filho doutor em theologia.

Em quanto as abria, radiante e cheio de prazer, perguntou a Pedro se já trazia algumas ordens sacras. Antes porém que este tivesse tempo de responder, Julião Rebello viu com grande espanto, que seu filho se havia doutorado em medicina.

A noticia de uma reprovação *neminè discrepante* não o teria desorientado e acobruhado mais. Não só estavam por esta forma desvanecidos inteiramente os bellos sonhos de Julião, em que o seu Pedro figurava elevado ao episcopado, e regendo uma das principaes dioceses do reino; mas, peor ainda do que isto, ficava mentirosa e não cumprida

a a promessa, que fizera de dedicar este filho ao serviço da igreja.

A natural ambição de um pae, d'est'arte burlada; e os escrúpulos e temores do homem honrado e religioso, converteram em tristeza as alegrias d'este dia.

Desenlappava-se Pedro de assim ter desobedecido aos preceitos paternos, dizendo que, não se sentindo com vocação para o estado ecclesiastico, nem se atrevendo a declarar-lh'o, deixara-se levar da sua natural propensão, que era toda pela medicina. Dizia-lhe mais, julgando d'este modo abrandal-o, que esta sua inclinação se originara no desejo de seguir os mesmos estudos, que seu pae tivera (1), e que se desinvolvera e fortificara pela leitura de varios livros, que havia em casa.

Pedro lançava mão de quantas desculpas podia achar para attenuar a sua falta; e todavia a mais poderosa, a unica verdadeira, occultava-a cuidadosamente dentro do peito. Essa não podia revelar-la, ou diremos melhor, não tinha forças para o fazer na presente situação. O seu segredo era uma affeição amorosa, que nascera para entre os brincos da infancia, que se alimentara innocente das ingenuas confidencias de dois corações noveis, e que alfin se ateara vigorosa e violenta na dôr de uma forçada separação, e nas ardentes saudades de uma longa ausencia.

A donzella que Pedro amava tão apaixonadamente era rica de formosura, riquissima de todos os dotes moraes, mas de bens da fortuna tinha sido a sorte bem avara com ella. A sua familia apenas tinha o estrictamente necessario para uma subsistencia modesta e parca.

Pedro partiu de Lisboa com o firme proposito de abafar em si este amor sem esperanças, para obedecer á vontade de seu pae. Mas chegado a Paris, esse amor tinha crescido tanto entre as lagrimas da saudade, que não lhe cabendo no peito, occupara todo o seu espirito, e lhe torvara a razão. Accordado, todos os pensamentos eram para a sua amante. Dormindo sonhava no modo de a fazer ditosa, unindo-se a ella por laços santos e indissolúveis.

Foi n'estas circumstancias, que, arrastado por uma força irresistivel, se foi matricular nas aulas de medicina, em vez de o fazer nas de theologia. Temendo a opposição do pae guardara até ao fim o seu segredo. Para o guardar sem lhe mentir, esquivava-se sempre a escrever-lhe acerca dos seus estudos. As confissões amplas e francas reservava-as elle para as fazer entre os braços do pae. Bem sabia que lhe ia dar não pequeno desgosto, mas contava tanto com os extremos do amor paternal, que esperava como coisa certa, desarmar-lhe a colera, dobrar-lhe o animo, socegar-lhe o espirito, e captivar-lhe de novo as boas graças.

Porém o misero, que assim fundava o castello de suas esperanças sobre o imperio, que tinha no coração do pae, ignorava que n'esse coração se erguia ainda mais alto, e com mais potente imperio, o amor da religião e o respeito pela santidade dos juramentos.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### O lago e cidade de Como.

A nove leguas para o norte de Milão, no meio de um paiz fertil e pittoresco, e debaixo d'esse formoso ceo da Italia, que inspirou tantos poetas celebres, e tantos artistas insignes, estende-se um lago, que pela sua admiravel situação, e margens encantadoras, attrahe todos os annos ás povoações e quintas, que o bordam, innumeravel concurso de nacionaes e estrangeiros. De muitas partes, e de longes terras ahi acodem os viajantes como em peregrinação, uns levados da esperança de restabelecer a sua arruinada saúde sob a influencia benéfica de tão ameno clima; outros impellidos pela curiosidade, ou pelo desejo de sentir novas emoções de prazer no meio de deliciosas scenas da natureza, novissimas para os seus olhos.

(\*) Com effeito Julião Rebello estudara para medico; mas parece que nunca fizera uso da arte, ou pelo menos que não a exercia havia muito, entregando-se a outro genero de trabalho.

Imagine-se um vasto lago, de mui cristalinas aguas, arlado por todos os lados de bonitas povoações, de elegantes casas de campo, e formosas quintas; que n'elle se veem mirar, cercado de viçosos campos, de colinas em que verdejam bosques, de rochedos de formas pittorescas, e de altas azuladas serras, fazendo molduragem a todo este pánel; e o sol em um puro ceo de safira, espalhando por toda a parte mil resplendores; imagine-se tudo isto para se poder fazer uma idéa, ainda que imperfeita, do lago de Como, o mais bello de todos os lagos da Lombardia.

Tem umas dez leguas no seu maior comprimento. A largura varia de uma a tres. Está situado em uma altura de seiscentos cincoenta e quatro pés acima do nivel do mar: O mais alto piceão das montanhas, que o cercam, tem oito mil seiscentos trinta e oito pés acima da superficie do mar. Os rios Adda, Mera, e Lira, vem misturar n'este lago as suas aguas, ou levar as d'este lago a outros rios. A principal povoação, que se eleva nas margens do lago, é a cidade de Como, de origem antiquissima, e contendo perto de oito mil habitantes. Está edificada em uma posição deliciosa. Possui uma magnifica igreja cathedral, construida toda de mármore branco segundo o estylo chamado do *renascimento das artes*.

A cidade de Como fica em uma extremidade do lago, em quanto que a outra vae entrar na Suissa. Um ligeiro barco, deixando o paiz dos rochedos escarpados, das torrentes impetuosas, dos abetos silvestres, das immensas massas de gelo, e dos espessos nevoeiros, vem em poucas horas abordar ás risonhas terras da Italia, a esse paiz classico das artes e da poesia, tão fadado por Deus para a felicidade, e agora theatro de uma guerra assoladora, que promete longos e sangrentos combates!

I. DE VILHENA BARBOSA.

### Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

XVI.

Continuação.

— Oh! sim, sim, meu anjo!... Esquece aquella proposta, filha do delirio, e aceita o conselho que nasce da razão. E' pouca toda a attenção e todo o respeito de um filho para quem lhe deu o ser.

— Gosto de te ouvir, Eduardo. Amo e respeito minha mãe quasi tanto como te amo ti, e respeito a Deus! Não alimentemos aquelle odio que ella te vota injustamente, tornando-o justo pelo nosso comportamento. E acredita-me que a unica maneira de o extinguir é soffrer em silencio... em muito silencio, o sentimento que nos domina!

— Mas eu não posso viver tão separado de ti, querida! Concede-me ao menos alguma entrevista, ainda que sejam instantaneas e raras: é tão pouco...

— Jesus, Eduardo, que não queres ou finges não comprehender a minha verdadeira situação!...

— Pois bem: e se exigir de ti este sacrificio?...

— Eduardo, meu Eduardo...

— Bem sabes que o mereço?

— Pelo que fazes em corresponder ás minhas phantasias?

— Maria!

— Sempre que me fallas dos *teus sacrificios*, lembra-me da imprudencia que tive em te escrever!... Tinhas-me, havia quasi seis annos, fallado uma vez do teu amor; e tanto quiz convencer-me de que não mentias, que de todo me esqueci do effeito do tempo! Depois escrevi-te... Quem sabe se o tempo não tinha já destruido em ti aquella *phantasia*? E que devias tu fazer, senão responder á minha carta n'um sentido lisonjeiro?... Sustentar a minha illusão, representando, pela tua boa indole, o papel de quem tu impunha?

— Maria! quando o actor sabe comprehender o seu papel, sente as commoções que n'elle estão descriptas. Representa julgando que vive debaixo da immediata influencia d'ellas, e em quanto a peça está em scena, chega muitas vezes a persuadir-se

que deixou de ser quem d'antes era. Suppõe a tua vontade que represento o papel que me impostez; e dize-me se não tenho preenchido bem a tua ambição d'author, fazendo d'este sentimento a gloria da minha existencia, o unico pensamento da minha vida! ?..

— Mas os sacrificios de que fallaste?

— Já não digo: quando o autor não comprehende os que o actor faz muitas vezes pela boa execução do seu papel...

— Deixemos esse modo de fallar, Eduardo. Sejam francos. Amo-te muito; mas, na verdade, não sei quaes são esses taes sacrificios... falla.

— E' melhor não. Este nosso dialogo vae tomando o caracter de um ajuste de contas, em que a avareza, pondo em duvida os serviços d'aquellesa quem tem de pagar, procura poupar salarios. Será possível exigir que seja mais franco ainda?

— Eduardo, disse Maria, apertando-lhe a mão e baixando a voz; tenho muito que te dizer; mas será n'outra occasião.

— Quando?

— Eu te mandarei avisar: não me pediste algumas entrevistas? Hasde ter, pelo menos, uma. Continua.

ALFREDO HOGAN.

### Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA X.

SISNANDO, ALVA.

ALVA (depois de longo silencio dando alguns passos para Sisnando) — Sisnando!

SISNANDO — Fallou-me alguém?

ALVA — A tal ponto de esquecimento chegastes vós, Sisnando, que não conheças sequer esta voz?

SISNANDO — Conheci-a muito... n'outro tempo. Hoje não sei que me pode ella querer.

ALVA — Dar-vos a liberdade. (offerece-lhe a chave).

SISNANDO — A liberdade!... É liberdade contigo? (abre a porta) Ah! bem hajas, bem hajas tu... Pude eu duvidar!... Vem... partamos... Depois me perdoarás.

ALVA (sentando-se exausta) — Adeus, Sisnando!

SISNANDO — Ficas?... ficas tu!... E queres que te deixe no poder d'esse homem?

ALVA — Tens receios de um irmão? Ai! Sisnando, Sisnando, como chegaste a suspeitar de mim!...

SISNANDO — Primeiro não... não suspeitei. Saí quando m'o pediste... Mas depois... encontr-o ali... Que homem, pensando, não suspeitaria!... E nem uma desculpa tua! O que eu fiz então quem mais o faria? Que maior prova de fé e confiança podia dar-te!

ALVA — Como havia de eu dar-t'a? Nem dava. Se ha almas que não podem supportar uma duvida... outras ha que não sabem descer a uma desculpa. Olha para mim, Sisnando! Fiz horror e dó a meu pae. Cheguei a esquecer-me de tudo no mundo... para só me lembrar do que tu cuidarias!...

Olha bem para mim, Sisnando! Que mais prova queres tambem? Não te levei eu n'aquella noite a ver a tua Bertha?... Não te bastou a presença da filha para te conservar pura a memoria da mãe?... O que havias de tu já acreditar?

SISNANDO — A nossa filha?... D. Mendo estava então ali por ella!

ALVA — Era digno de alcançal-a.

SISNANDO — Tenho sempre de vingar-me!

ALVA — De que? Bertha não tem culpas. — Adeus, Sisnando.

SISNANDO — Não, não posso... Não poderei nunca... Deixar-te aqui, isso... Admiro-te hoje... podia tornar a suspeitar amanhã. Fora de mais. Vem, Alva!

ALVA — E que seria de mim se te seguisse... O nome de D. Mendo é só o que tenho d'elle... mas isso é sagrado. Depois de ter exposto o de meu

pae ás viltas do ultimo vassallo, heide ir arrastar aquelle a teu lado?

SISNANDO — Bem, Alva, bem... Não faltes a honra d'esse nome... Fica... eu tambem fico.

ALVA — Não: tu hasde partir!... (Sisnando senta-se. Alva dirige-se a elle) Hasde partir, que se não partires, um nome ficará ainda mais deshonrado do que o meu ficaria.

SISNANDO — Que nome?

ALVA — O nome de Sisnando.

SISNANDO — O meu!

ALVA — Partes?

SISNANDO — Não.

ALVA — Partirás. — Nos tremedeas da margem occulta-se uma hoste de moiros... á frente d'elles campeia um escudeiro christão... — Partes?

SISNANDO — Não.

ALVA — Se á hora prima não se achar com esse escudeiro o nobre conde, que o mandou ali a guiar infieis, tem elle ordem de ir abrir ao moiro os seus castellos, para desimpedir assim o caminho de Coimbra... para alagar por este modo a terra goda de sangue de godos! — Partes?

SISNANDO — Sabes tudo... mas eu não parto.

ALVA — Partirás. — E dizias tu que te querias vingar. Vingar-se-hão elles de ti, quando ouvirem dizer por toda a parte: Sisnando Oyris abriu o caminho de Coimbra aos infieis, maldito seja! O cavalleiro da Palestina calcou aos pés a cruz do seu Deus, maldito! O conde Sisnando renovou a acção do vil Juliano, maldito! D. Sisnando, o Espada, quebrou o robusto montante na aresta das suas torres, e fez d'elle uma haste para ali arvorear o estandarte das luas, maldito seja elle eternamente!... Ai! então é que elles se hão de vingar... e rirão... e folgarão... E eu! e eu! a corar da tua vergonha... eu a sentir-me vil do teu amor... sem poder negar sequer... sem poder fugir ao grito que sairá de todos os angulos das Hespanhas bradando: prescito e réprobo! (Sisnando tem-se erguido pouco a pouco; segue quasi fora de si o discorrer d'Alva).

SISNANDO (prorompendo horrisado) — Não, não, isso não...

ALVA (continuando) — Um cavalleiro! um godos! um Sisnando!... O escudeiro... disseram m'o... não tarda que venha ali debaixo d'esses miradouros dar-te o signal... Tem remedio ainda... Parte, vinga-te tu d'elles, meu Sisnando... Ergue-te... vae... combate... e que digam raivando: Sisnando foi sempre o primeiro. Ai como eu direi ufana: «foi o primeiro!...» E como ensinarei tua filha a repetil-o!... Que brados o não farão ecoar por toda essa terra! (Castinaldo tem entrado pela porta por onde deve sair Sisnando. Fecha-a, arremeça a chave, e fica no lumiar encostado á espada) Vinga-te, vinga-me: parte.

SISNANDO (lucta consigo, ergue subitamente a fronte, e prorompe resoluta) — Venceste... parto. (dá com Castinaldo).

SCENA XI.

OS MESMOS, CASTINALDO.

SISNANDO — Castinaldo!

ALVA — Meu irmão!

CASTINALDO — Chegou finalmente a hora.

ALVA — Ai! meu irmão, meu irmão!

SISNANDO — Um ferro! uma espada! uma arma!

CASTINALDO (sobre elle) — Ninguem te pode valer!

ALVA (deitando-se-lhe aos pés) — Irmão, irmão, queres tu assassinal-o?

CASTINALDO — Assassinal-o! (para immovel) Vae buscar uma espada a esse homem, Alva!

ALVA (energicamente) — Já lhi-a tinha dado se a tivesse.

SISNANDO — Nada, meu Deus, nada!

ALVA (á janella) — E Pelayo que parte!... Partiu!... partiu já... Oh! Senhor Deus! partiu...

SISNANDO — O dia alvorece.

ALVA — E a deshonra com elle!

SISNANDO — A deshonra! a vileza! já sem remedio!... Castinaldo, covarde, és a vergonha dos

cast. (a Alva) — Não te disse eu que lhe desses uma espada, (ameaçando-o).

ALVA (impedindo-o e bradando) — Meu pae! D. Mendo! Soccorro!

SCENA XII.

OS MESMOS, D. BRITALDO.

D. BRITALDO — Que é isto?... Tu, Castinaldo, aqui!... E os de Riba-Dão que vigiavam lá em baixo aquella porta!

CASTINALDO — Dispersei-os a todos. Só falta este!

SISNANDO — Atacados!... sem armas! traçoicamente assassinados!... (em paroxismo furia) Outra geração de martyres caída a meus pés!... Foi culpa minha!

D. BRITALDO — Que fizeste, Castinaldo? Eu disse-te que os combatesses... não te mandei que os saltasses!

SISNANDO — Agora... desgraçada de Coimbra!... Desgraçado de mim, de vós todos!... Não hade ser o moiro, que entre só na cidade... Heide ser eu á sua frente.

D. BRITALDO — Vinga-te, Sisnando, é justiça!

CASTINALDO — Jurei que seria onde te encontrasse. Não sabes?

SISNANDO — Uma espada! uma espada contra esta fera.

D. BRITALDO (tira a sua espada e dá-a a Sisnando) — Aqui tens a minha. Abre caminho se t'o recusam. (não luctar).

Continua.

A cidade de Leorne.

Esta cidade, que é hoje a segunda da Toscana, era apenas no seculo xv uma insignificante aldeia. Deve o seu desinvolvimento e grandeza, primeiramente a Cosme I de Medicis, grã-duque de Florença, e depois á sua posição sobre a costa do Mediterraneo, que a fez prosperar pelo commercio.

O porto de Leorne, amplo, commodo, e de facil accesso, é pela sua situação geographica, e pela franquia de que gosam os navios, que o demandam, o mais frequentado de toda a Italia. Entram n'elle annualmente perto de tres mil navios.

A cidade é defendida do lado de terra por duas fortalezas, e do lado do mar por uma muralha de seiscentos pés de comprimento, e varias obras modernas de fortificação. É espaçosa a cidade, e bem edificada. Atravessa-a um grande canal e outros mais pequenos, navegaveis para embarcações do mar alto, que, entrando por elles, veem descarregar mesmo ás portas dos armazens.

Tem largas e bellas ruas, e varias praças ornadas de bons edificios. A praça principal, quasi no centro da cidade, em que se erguem o palacio ducal, e a sé, é uma das mais vastas e regulares, que se encontram na Italia. O monumento d'arte mais digno de attenção é a estatua de marmore do grã-duque Fernando I, junto á base da qual avultam quatro escravos colossaes de bronze.

O aqueducto de Cognole, e um grandioso reservatorio são obras dignas em tudo da antiga Roma. Tem um bom arsenal, e dois theatros, um novo, chamado da Arena. A synagoga dos judeus passa por ser a maior e mais rica da Europa, depois da de Amsterdam. Os gregos tambem ahi tem um lindo templo, e os inglezes um magnifico cemiterio com sua capella.

Possue Leorne muitos estabelecimentos litterarios, taes como escolas primarias, de desenho e pintura, instituto de marinha, e d'artilharia, a academia Labronica, gabinete litterario, etc.

Tem tres vastissimos lazaretos, e muitos edificios de banhos. Os do mar attrahem na estação propria muita concurrencia a esta cidade. Ha n'ella tambem importantes fabricas de sabão, de barretes para uso do Levante, de artefactos de coral, e de marmore, de chapéos de palha, de papel, de vidros, de marroquim, etc.

As cercanias de Leorne são muito agradaveis e pittorescas, com boas quintas e casas de campo.

Leorne conta perto de oitenta mil almas. Dista da capital, Florença, dezoito leguas para sudoeste, e quatro para o sul da cidade de Pisa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.